

Fatores determinantes da produção para autoconsumo na agricultura familiar: um estudo comparativo no Rio Grande do Sul

Catia Grisa

Eng. Agrônoma, Mestre em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS) e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ). Atua na área de sociologia rural em temas relacionados à agricultura familiar, reprodução social e segurança alimentar.

Endereço para correspondência:

Av. Nossa Senhora de Fátima 64, ap 401. Centro, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20240-051 - catiagrisa@yahoo.com.br

Sérgio Schneider

Trabalha no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS) e Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFRGS). Sociólogo, Mestre e Doutor em Sociologia. Pós-Doutorado em Planejamento Regional e Urbano. Atua na área de sociologia rural, nos temas de agricultura familiar, pluriatividade, emprego agrícola, segurança alimentar e desenvolvimento rural.

Endereço para correspondência:

Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS)
Av. João Pessoa, 31, Porto Alegre, RS. CEP: 90040-000. sergio.schneider@pq.cnpq.br

Recebido em 06/2008. Aceito em 10/2008.

1. Introdução

Recentemente vem-se assistindo uma retomada de estudos e pesquisas em torno do tema da produção para autoconsumo. Esta produção “pro gasto”, como denominam os agricultores gaúchos, pode ser compreendida como aquela produção realizada pela família e destinada ao seu próprio consumo. Autores clássicos nos estudos rurais, como Chayanov (1974) e Wolf (1976), já destacavam a importância desta prática na organização produtiva e econômica dos camponeses. No Brasil, destacam-se os trabalhos de Herédia (1979), Brandão (1981), Garcia Jr. (1983;

1989), Woortmann e Woortmann (1997) e Cândido (2001 [1964]) que perseguiram objetivos análogos.

Nos últimos anos, as pesquisas têm se voltado, sobretudo para a interface da produção para autoconsumo com a segurança alimentar, pobreza rural e autonomia da agricultura familiar. Buainain *et al.* (2002) e Leite (2004) mostram, respectivamente, que o autoconsumo responde em torno de 20% do produto gerado na unidade produtiva e 17,79% do rendimento total da agropecuária. Leite (2004) ainda destaca que o autoconsumo possibilita às famílias rurais um padrão de alimentação superior às famílias urbanas situadas em níveis de renda similares. Similarmente, Dombek *et al.* (2006) observam que as famílias rurais que produzem seus alimentos estão em condições de segurança alimentar superiores àquelas que assim não procedem. Igualmente, Gazolla (2004) demonstra que esta prática atende a vários princípios da segurança alimentar. Ainda pode-se evidenciar a importância do autoconsumo para a promoção da sociabilidade e fortalecimento da identidade social (Menasche, 2007; Guevara, 2002).

Ao revisitar estes e outros estudos e a partir de observações empíricas algo chama a atenção: embora a relevância do autoconsumo, há diferenças expressivas em relação à sua importância econômica entre universos sociais e internamente a estes. Emergem, assim, algumas indagações: por que em alguns municípios e estabelecimentos esta produção apresenta valores expressivamente inferiores? Quais fatores explicariam estas diferenças entre universos empíricos e unidades familiares? Procurar responder estas questões é justamente o objetivo deste artigo.

A relevância de estudar os fatores que interferem na produção para autoconsumo decorre do fato desta ser um importante meio para asseverar o que Cândido (2001) denominou de mínimo vital e, ademais, cumpre outros papéis na agricultura familiar que lhe assegura maior autonomia, como: segurança alimentar, diversifica os meios de vida, promove a sociabilidade e relaciona-se com a identidade. Conhecer os fatores que intervêm nesta produção permite potencializar os mecanismos e instrumentos pelos quais esta pode ser fortalecida.

Este artigo parte da comparação da produção para autoconsumo em quatro regiões do Rio Grande do Sul - Serra Gaúcha, Serra do Sudeste, Missões e Alto Uruguai -, cujas características socioeconômicas e culturais são distintas e representativas de diferentes dinâmicas da agricultura familiar. A comparação, além de possibilitar delinear as diferenças e semelhanças da importância econômica do autoconsumo, permitirá apontar os fatores inerentes a estes universos sociais e peculiares as unidades familiares que influenciam nesta prática.

O artigo está estruturado em quatro seções principais. A primeira apresenta a metodologia da pesquisa, o cálculo da produção para autoconsumo e breves considerações sobre os universos pesquisados. A seguinte discute a importância

econômica do autoconsumo nos municípios pesquisados e as diferenças entre estes e unidades familiares pertencentes a mesma dinâmica da agricultura familiar. A terceira seção debate os fatores que podem influenciar e determinar estas diferenças. E, por fim, são apresentadas algumas considerações sobre o que aqui foi discutido.

2. Metodologia da pesquisa e do cálculo do autoconsumo

Os resultados apresentados neste trabalho decorrem dos projetos de pesquisa “Agricultura Familiar, Desenvolvimento Local e Pluriatividade: a emergência de uma nova ruralidade no Rio Grande do Sul” (Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPeI/CNPq (2003)) e “Desenvolvimento Territorial e Segurança Alimentar” (Pesquisa DTRSA - UFRGS/UFPeI/CNPq (2003)), desenvolvidos em parceria pelo PPGA/UFPeI e o PGDR/UFRGS. Em termos gerais, estas pesquisas buscavam compreender as diferentes dinâmicas da agricultura familiar e a produção para autoconsumo foi um elemento observado em ambas. Para captar a diversidade desta categoria social, a pesquisa foi realizada em quatro regiões distintas do Rio Grande do Sul – Serra Gaúcha, Serra do Sudeste, Missões e Alto Uruguai. Em cada uma destas foi escolhido um município representativo regionalmente para aplicação de questionários, sendo eles, respectivamente, Veranópolis, Morro Redondo, Salvador das Missões e Três Palmeiras (Fig. 01).

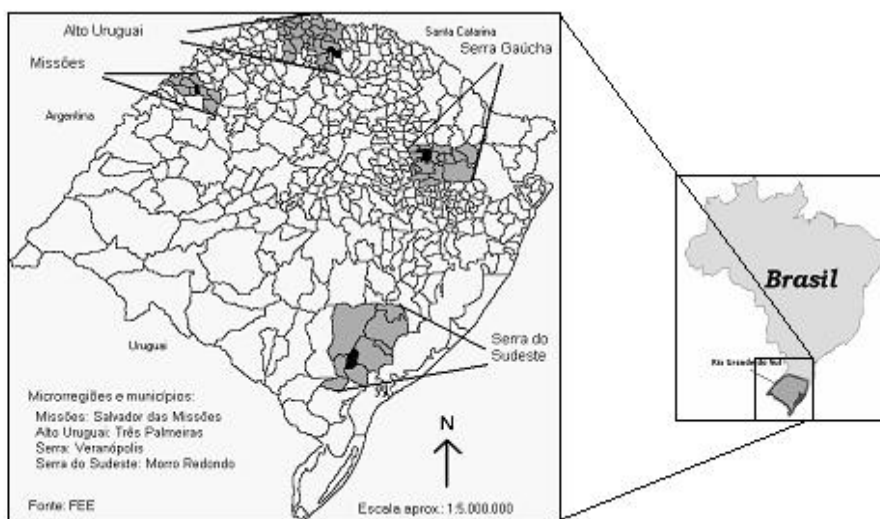


Figura 01: Localização das regiões e municípios no Rio Grande do Sul e Brasil.

Fonte: FEE, 2006.

Resumidamente pode-se caracterizar Veranópolis como um município que apresenta dinâmica de desenvolvimento endógeno. A economia é diversificada, arraigada na agricultura, indústria, comércio e turismo, e encontra no próprio ambiente local os recursos (humanos, naturais, capital etc.) para sua reprodução. Morro Redondo apresenta economia dependente do setor agroindustrial que passa por longa crise desde a abertura do mercado brasileiro às importações na década 1990. Por conseguinte, a agricultura oferece poucas perspectivas e fora deste setor também há escassas alternativas. Salvador das Missões e Três Palmeiras apresentam dinâmica de desenvolvimento centrada nas atividades agrícolas, sobretudo em soja e trigo, herança da modernização da agricultura adotada de forma mais acentuada nestes municípios. Em Salvador das Missões, a diversificação produtiva vem sendo resgatada há alguns anos. Em Três Palmeiras, a pobreza acentuada e a desigualdade de renda e riqueza intensificam e são intensificadas pela vulnerabilidade oriunda do desenvolvimento produtivista seguido.

Algumas destas diferenças entre os municípios são ilustradas na Tab. 01 que apresenta indicadores como o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), a população total e rural, e o Valor Adicionado Bruto (VAB) Total e agropecuário. Segundo a Tabela, Veranópolis apresenta o maior IDH (0,85), os maiores valores de renda agrícola (R\$ 14.853,28) e total (R\$ 26.969,50), e ainda o mais elevado número de famílias exercendo atividades não-agrícolas (59,32%), fruto da diversidade e dinamismo econômico presente nesta localidade. No oposto destas condições estão Morro Redondo e Três Palmeiras alternando posições. Enquanto Três Palmeiras apresenta o menor índice de IDH (0,76) e a menor renda total (R\$ 11.033,12), Morro Redondo dispõe da menor renda agrícola (R\$ 6.610,55) e é onde a renda da previdência social assume maior valor relativo (25,89%), resultado das reduzidas estratégias de diversificação. Salvador das Missões possui índices semelhantes aos de Veranópolis e intermediários entre os demais: IDH (0,81) e renda total (R\$ 18.911,28). Destaca-se ainda, ilustrando o caráter eminente agrícola de Salvador das Missões e Três Palmeiras, a porcentagem do VAB agropecuário sobre o VAB total, cujos valores são respectivamente, 54,69% e 65,53%.

Em termos metodológicos, a Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPeI/CNPQ (2003) envolveu a aplicação de 238 questionários estruturados distribuídos nos quatro municípios. Em 2006, retornando aos mesmos universos sociais, procedeu-se a realização de 35 entrevistas, cujos fragmentos estão transcritos ao longo do texto, identificados pela letra "I" de informante, seguida do número da entrevista e pelas iniciais do nome do município (e.g. I 05, SM).

Tabela 01: IDH-M, População Total, População Rural, VAB Total em reais (R\$) e outros indicadores referentes aos universos pesquisados.

Indicadores	Veranópolis	Morro Redondo	Salvador das Missões	Três Palmeiras
IDH - M (2000)	0.85	0.77	0.81	0.76
População Total (2005)	21.114	5.906	2.403	4.229
Porcentagem População Rural (2005)	14,59	58,69	62,88	57,25
VAB Total em mil R\$ (2003)	401.875,00	52.282,00	52.543,00	49.396,00
Porcentagem VAB Agropecuária	10,80	29,81	54,69	65,53
PIB <i>per capita</i> em R\$ (2003)	20.776,00	9.454,00	20.297,00	11.016,00
Área média dos estabelecimentos	23,19	22,79	14,11	19,66
Renda Total em R\$ *	26.969,50	12.914,83	18.911,28	11.033,12
Renda Agrícola em R\$ *	14.853,28	6.610,55	12.047,52	8.081,40
Renda Atividades Não-agrícolas em	20,83	18,11	17,15	6,55
Porcentagem de famílias pluriativas	59,32	41,94	46,55	28,81
Renda Transferências Sociais em % **	19,90	25,89	15,64	15,10
Nº médio de pessoas por família	4,59	3,87	4,45	4,02

Fonte: PNUD *et al.*, 2000; IBGE, 1998; FEE, 2006; AFDLP - UFRGS/UFPel/CNPq (2003).

* Valores médios por estabelecimento. ** Proporção sobre a renda total

Quanto à metodologia do cálculo da produção para autoconsumo, é relevante destacar que esta é definida neste trabalho como a parcela da produção animal, vegetal e transformação caseira¹ produzida pela unidade familiar e consumida por esta. A esta produção foi atribuído o preço de venda, ou seja, o preço caso os agricultores vendessem estes produtos.² A atribuição deste valor, e não o preço de compra, deve-se a duas razões. Primeiro, segundo Sacco dos Anjos *et al.* (2004), há uma grande variação de preços de compra e esta disparidade se potencializa quando se tratam de municípios distintos e distantes geograficamente, caso desta pesquisa. Segundo, a pesquisa a qual se insere este trabalho tinha o objetivo de identificar as diferentes fontes de renda das unidades familiares e,

¹ Embora a transformação caseira esteja presente na definição de autoconsumo, esta não foi contabilizada no produto bruto de autoconsumo total em virtude de uma limitação do questionário que não permitia a separação da matéria-prima consumida diretamente pela família daquela utilizada na produção de derivados.

² Esta opção difere da metodologia proposta por Garcia Jr. (1989) que sugere os preços de compra (preços ao consumidor). O objetivo de Garcia Jr. (1989) era evidenciar que inseridos numa dinâmica capitalista, os camponeses eram guiados por uma racionalidade econômica. Para o autor, os camponeses realizavam um cálculo para saber se era vantajoso plantar cultivos comerciais ou para autoconsumo. Se os preços fossem de tal ordem que produzindo lavouras comerciais, com o mesmo trabalho despendido, pudessem fazer frente às demandas alimentares da família, a opção seria pela produção comercial e autoconsumo. Por lançar mão deste cálculo é que o autoconsumo teria que ser balizado pelo preço de compra, expondo o quanto a família gastaria comprando a alimentação necessária.

assim, se utilizado o preço de compra estar-se-ia superestimando a proporção do autoconsumo sobre e a própria renda total das famílias rurais.

Diferenciados quanto à origem animal e vegetal, multiplicou-se a quantidade consumida de alimentos pelo preço de venda, obtendo-se o produto bruto de autoconsumo animal e vegetal.³ O somatório destes resultou no produto bruto de autoconsumo total e compôs a renda agrícola e total. Segundo Gazolla (2004), há obstáculos para se calcular o valor monetário líquido do autoconsumo em virtude da dificuldade de contabilizar os custos desta produção (geralmente utiliza insumos do próprio estabelecimento - esterco, resíduos etc.) e de isolar, de forma exata, as despesas que incorrem sobre esta produção daquelas designadas a venda.

3. O autoconsumo nos universos sociais pesquisados

A produção para autoconsumo é uma estratégia recorrente entre as famílias investigadas, estando presente nos 238 estabelecimentos pesquisados. Na Tab. 02 observa-se que a grande maioria dos estabelecimentos familiares preza por possuir horta (92,1%), pomar (89,9%) e alimentos provenientes da transformação caseira (bolachas, schimias, queijos, etc. - 93,3%). Ademais, pelo menos um tipo de alimento proveniente de criação animal (galinha caipira, suínos, bovinos, etc.) e da lavoura (feijão, mandioca, batata-doce, etc.) foram encontrados em todos os casos. Entre os universos sociais não há diferenças acentuadas em relação à presença destes alimentos, sendo a mais expressiva referente à horta: enquanto em Veranópolis 98,3% dos estabelecimentos a possuem, em Morro Redondo este percentual se reduz para 87,1%.

Tabela 02: Presença de horta, pomar e transformação caseira em porcentagem (%) para o consumo familiar nos estabelecimentos pesquisados.

Município	HORTA	POMAR	TRANSFORMAÇÃO CASEIRA
	Presença nos estabelecimentos	Presença nos estabelecimentos	Presença nos estabelecimentos
Veranópolis	98,3%	86,4%	96,6%
Morro Redondo	87,1%	87,1%	87,1%
Salvador das Missões	93,1%	91,4%	93,1%
Três Palmeiras	89,8%	94,9%	96,6%
Total	92,1%	89,9%	93,3%

³ Para calcular o valor dos alimentos oriundos da horta e do pomar foi utilizada a estimativa realizada pelos agricultores de quanto consumiam em reais por semana ou mês. Este procedimento justifica-se pela grande variabilidade de alimentos nestes ambientes, a dificuldade de contabilizar as quantias consumidas no ano agrícola, o detalhamento necessário ao questionário, o trabalho e o tempo de coleta das informações.

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPEL/CNPq (2003).

A Tab. 03 apresenta os valores monetários brutos anuais da produção para autoconsumo, diferenciados quanto à origem (animal e vegetal) e o total. Verifica-se que se trata de valores expressivos: R\$ 4.308,08 em Veranópolis, R\$ 2.161,05 em Morro Redondo, R\$ 4.223,88 em Salvador das Missões e em Três Palmeiras, R\$ 3.026,02. Aqui, contudo, as diferenças entre municípios tornam-se mais acentuadas. Os valores são mais elevados em Veranópolis, seguido por Salvador das Missões, Três Palmeiras e Morro Redondo. Chama a atenção o fato de Morro Redondo apresentar um produto bruto de autoconsumo total correspondente a 50,16% de Veranópolis. É notável naquele município a diminuição do autoconsumo.

Tabela 03: Produto Bruto de autoconsumo animal, vegetal e total (valor médio anual em R\$) nos estabelecimentos pesquisados.

Município	Produto Bruto do Autoconsumo médio anual em Reais (R\$) e porcentagem (%)					
	Vegetal		Animal		Total	
	R\$	%	R\$	%		
Veranópolis	2.414.17	56.04	1.894.31	43.96	4.308.08	
Morro Redondo	1.081.39	50.04	1.079.66	49.96	2.161.05	
Salvador das Missões	2.026.01	47.97	2.197.87	52.03	4.223.88	
Três Palmeiras	1.425.48	47.11	1.600.00	52.89	3.026.02	
Total	1.736.76	50.63	1.692.96	49.37	3.430.02	

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPEL/CNPq (2003).

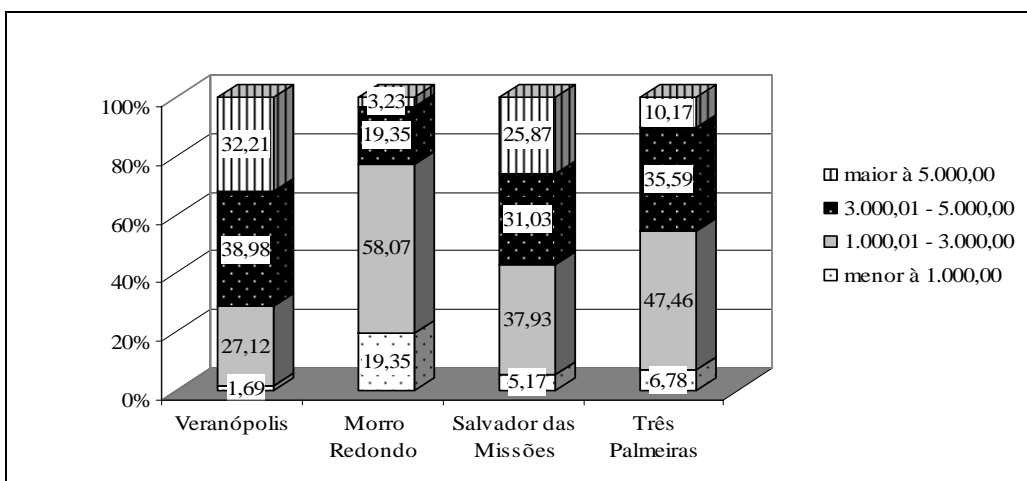


Figura 02: Estratos do Produto Bruto de Autoconsumo Total Anual em reais e o número de estabelecimentos presentes em cada um deles nos universos pesquisados.

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPEL/CNPq (2003).

As diferenças entre os universos sociais pesquisados tornam-se mais nítidas através da Fig. 02 que apresenta o produto de autoconsumo total separado por estratos de valores e a porcentagem de estabelecimentos pertencentes a cada um deles. Enquanto em Veranópolis apenas 1,69% dos estabelecimentos pesquisados apresentam produto bruto de autoconsumo total menor à R\$ 1.000,00, em Morro Redondo, 19,35% dos estabelecimentos situam-se neste estrato. Em Salvador das Missões e Três Palmeiras, as proporções neste estrato são, respectivamente, 5,17% e 6,78%. Já a porcentagem de estabelecimentos no estrato do produto de autoconsumo total maior que R\$ 5.000,00, em Veranópolis é 32,21% *vis-à-vis* 3,23% em Morro Redondo, 25,87% em Salvador das Missões e 10,17% em Três Palmeiras. Além destas diferenças entre municípios, a produção “pro gasto” também é heterogênea no interior de cada um deles, variando seu valor monetário de inferior a R\$ 1.000,00 à superior a R\$ 5.000,00 anuais. Assim, em termos de importância econômica, a produção para autoconsumo é uma estratégia com acentuada diversidade entre unidades familiares e diferentes dinâmicas da agricultura familiar.

4. Os fatores determinantes da produção para autoconsumo

Discute-se nesta seção seis fatores que podem interferir na existência e intensidade da produção para autoconsumo, quais sejam: características da unidade familiar (composição, ciclo demográfico); condições técnicas de produção (área total, acesso ao crédito, capital disponível etc.) e produção agropecuária; diferentes fontes de renda (previdência social, atividades não-agrícolas, renda agrícola e total); repertório cultural; dinâmica da agricultura familiar local; proximidade aos mercados, preço dos alimentos e alimentos “prontos”. Nem todos interferem ao mesmo tempo e em todas as unidades familiares, contudo são fatores que perpassam a tomada de decisão das unidades familiares e laçam argumentos que podem explicar as diferenças entre universos sociais e no interior dos mesmos.

4.1 A família: bocas para comer, braços para trabalhar

Chayanov (1974) foi um dos primeiros autores a destacar a importância da família na organização da unidade camponesa. Para este autor, são a composição e o ciclo da família que, mediados pelas necessidades de consumo, determinam a quantidade de trabalho, a auto-exploração, a quantidade de terras, etc., ou seja, é o estudo da composição e das leis de funcionamento da família que permitem compreender a organização da unidade econômica camponesa. Esta seção visa

justamente investigar a influência das variáveis chayanovianas composição e ciclo demográfico na produção para autoconsumo.

Na Tab. 04, que apresenta o número médio de residentes, consumidores⁴ e UTH⁵ total nos universos pesquisados, observa-se que Veranópolis é o possuidor das maiores médias para estas variáveis: 4,59; 4,40; e 3,62 respectivamente. O segundo município com as maiores médias é Salvador das Missões: 4,45; 4,08; e 3,05 respectivamente; seguido por Três Palmeiras, 4,02; 3,81; 3,00 e Morro Redondo, 3,87; 3,67; 2,61. Percebe-se, assim, que os municípios que apresentam as maiores médias para estas variáveis são os mesmos que apresentam os maiores valores médios de produção para autoconsumo (Tab. 03). Pode-se aludir para uma possível relação positiva entre as características da unidade familiar e o autoconsumo.

Tabela 04: Número médio de residentes, consumidores e UTH total segundo universos pesquisados.

	Veranópolis	Morro Redondo	Salvador das Missões	Três Palmeiras
n. residentes	4.59	3.87	4.45	4.02
n. consumidores	4.40	3.67	4.08	3.81
UTH total	3.62	2.61	3.05	3.00

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPEL/CNPq (2003).

A Tabela 05 apresenta o valor médio do produto bruto de autoconsumo total segundo estratos residentes. Nesta é possível visualizar uma tendência de crescimento desta produção à medida que aumenta o número de residentes no domicílio, com exceção do estrato “entre 3 e 5 residentes” em Veranópolis. Guevara (2002) observou resultados semelhantes na Colômbia, corroborando que unidades familiares mais numerosas apresentam maior autoconsumo.

⁴ Uma unidade de consumidor equivale a um indivíduo com idade superior a 09 anos, enquanto crianças com até esta idade correspondem à meia unidade consumidor, segundo metodologia de Tavares dos Santos (1984).

⁵ A Unidade de Trabalho Homem (UTH) corresponde à unidade de medida utilizada para mensurar a quantidade de trabalho. Uma UTH equivale a 300 dias de trabalho de 8 horas diárias de uma pessoa adulta (18 a 59 anos). A UTH total corresponde ao somatório das UTH's da família e das contratadas por esta.

Tabela 05: Produto Bruto Autoconsumo Total Anual em reais (R\$) segundo estratos de residentes nos universos pesquisados.

Município	Estratos de residentes		
	Menor ou igual a 2	entre 3 e 5	Maior ou igual a 6
Veranópolis	4.761.30	3.618.91	6.133.38
Morro Redondo	1.862.07	2.166.87	2.527.05
Salvador das Missões	3.057,82	3.536.45	7.552.70
Três Palmeiras	1.870.60	3.270.24	3.568.61
Total	2.622.04	3.145.61	5.157.93

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPeI/CNPq (2003).

Na Tab. 06 encontram-se os valores do produto bruto de autoconsumo total segundo estratos de consumidores e de UTH total nos universos pesquisados. Na primeira relação - número de consumidores e autoconsumo - não se observam confluências. Porém é importante considerar que um número maior de consumidores pode não corresponder a um número próximo de trabalhadores. Conforme Garcia Jr. (1989), uma família de agricultores composta pelo casal e três filhos crianças apresenta mais consumidores que trabalhadores e, neste caso, dependendo das condições de preço dos alimentos a decisão pode ser de comprá-los e não produzi-los. Isto não minimiza a relevância dos consumidores: “[...] O consumo semanal de farinha de seu grupo doméstico é um dado anterior a qualquer decisão do processo de trabalho, uma *imposição social* de sua condição de chefe de família.” (Garcia Jr., 1989, p. 120, grifos no original).

Tabela 06: Produto Bruto Autoconsumo Total Anual em reais (R\$) segundo estratos de consumidores e estratos de UTH total nos municípios pesquisados.

Município	Menor ou igual a 2		entre 2 e 4		maior que 4	
	Consumidores	UTH total	Consumidores	UTH total	Consumidores	UTH total
Veranópolis	4.524.98	3.341.58	2.968.53	4.000.55	5.435.40	5.456.87
Morro Redondo	1.931.29	2.080.64	2.342.66	2.162.99	2.080.75	2.501.32
Salvador das Missões	3.140,09	2.962.40	3.278.53	3.395.88	6.089.27	7.723.03
Três Palmeiras	1.870.60	1.732.05	3.153.17	3.468.97	3.547.63	3.634.63
Total	2.661.04	2.343.23	2.938.03	3.224.91	4.354.43	5.324.91

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPeI/CNPq (2003).

Depoimentos dos informantes elucidam a afirmação de Garcia Jr. (1989). Para os agricultores, à medida que aumenta o número de membros e consumidores na família, cresce a demanda alimentar: “[...] já vai bem mais, cada vez a gente vai aumentando. A diferença que tem quando [os filhos] são pequenos e depois de grande, agora comem mais.” (I 06, SM). Ademais, o autoconsumo varia “conforme a família, a quantidade de pessoas na família pra comer. O que adianta plantar um monte? Plantam conforme os gastos deles” (I 21, TP). Assim, o número de

consumidores influencia na decisão de produzir ou comprar e determina a quantidade produzida. Procura-se produzir de modo suficiente e que não exceda a demanda familiar. Se a produção exceder o consumo familiar, estar-se-á consumindo tempo e força de trabalho que poderiam utilizados nos cultivos comerciais, igualmente necessários. Percebe-se destarte, que o balanço entre trabalho e consumo descrito por Chayanov (1974) continua vigente na produção para autoconsumo. Trabalha-se nesta somente até atender as necessidades da família, pois acima disto, significa um grau de exploração da força de trabalho que não lhe gera acréscimos.

Quanto à relação entre autoconsumo e UTH total, observa-se em todos os universos pesquisados que à medida que aumenta a UTH disponível, “onde tem mais pessoal pra ajudar”, intensifica-se a produção para autoconsumo. “Porque dá trabalho plantar tudo isto ali. Tem que plantar e limpar e onde tem poucas pessoas, não tem como.” (I 30, V). Este foi um fator limitante comumente citado nas entrevistas.

É importante notar ainda em relação à família, que a prática de produzir a própria alimentação geralmente é realizada pelas mulheres. Segundo depoimento, “Nós [pai e filho] cuidamos da lavoura, do aviário, das vacas, e ela [esposa] cuida da casa, planta as miudezas⁶ e ajuda nas vacas de leite.” (I 25, TP). Argüidas sobre o tema, muitas famílias respondiam “[...] é tudo junto, eu [esposa] ajudo no leite, ele [marido] me ajuda na horta” (I 36, MR). Fica evidente que, embora a “ajuda”, há uma divisão sexual em relação à coordenação das atividades, sendo a mulher a responsável por esta produção.⁷

Estes dados indicam que o ciclo demográfico e a composição da família são variáveis que continuam regendo as práticas e a organização das unidades familiares, no caso aqui, a produção de sua alimentação. A família pode ser um fator que explica a diferença de importância desta produção entre municípios e estabelecimentos. Famílias mais numerosas, com mais consumidores e trabalhadores apresentam maior autoabastecimento alimentar e universos sociais que apresentam médias maiores para estas variáveis também podem apresentar maior produto bruto de autoconsumo total, caso de Veranópolis e Salvador das Missões.

⁶ “Miudezas” é a designação dada por descendentes de imigrantes italianos a produção para autoconsumo.

⁷ A produção para autoconsumo também apresenta a característica de ser de responsabilidade das “forças marginais” da unidade familiar. Segundo Tepicht (1973), as forças marginais referem-se ao trabalho em tempo parcial das mulheres, o trabalho das crianças e de pessoas idosas e as margens de tempo disponíveis dos maridos - como citou um informante: “quando o marido está ali, que não tem outro serviço” (I 38, MR).

4.2. As condições técnicas e a produção agropecuária

As condições técnicas de produção - área total, capital disponível em máquinas e equipamentos, acesso ao crédito e a assistência técnica - e alguns cultivos agrícolas ou produção pecuária também podem interferir na produção para autoconsumo. Quanto à relação entre autoconsumo e área total dos estabelecimentos (Tab. 07), observa-se que, em todos os municípios, à medida que aumenta área intensifica-se o produto bruto de autoconsumo total. No geral, estabelecimentos menores a 10 hectares apresentam autoconsumo no valor de R\$ 2.487,72; aqueles com área total entre 10 e 25 hectares, R\$ 3.315,50; entre 25 e 50, R\$3.980,57; e acima de 50 hectares, autoconsumo no valor de R\$ 4.751,71. Assim, o tamanho das propriedades pode ser um fator limitante para a segurança alimentar das famílias e um dos fatores explicativos das diferenças de importância do autoconsumo entre estas.

Tabela 07: Produto Bruto de Autoconsumo Total Anual em reais (R\$) segundo estratos de área total nos municípios pesquisados.

Município	Estratos de área total (ha)			
	menor que 10	10.01-25	25.01-50	maior que 50
Veranópolis	2.797.70	4.454.87	4.556.74	5.151.61
Morro Redondo	1.706.03	2.161.55	2.031.02	2.776.73
Salvador das Missões	3.170.73	3.746.96	5.854.22	6.834.76
Três Palmeiras	2.277.12	2.898.62	3.480.30	4.243.75
Total	2.487.72	3.315.50	3.980.57	4.751.71

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPel/CNPq (2003).

Outro fator considerado diz respeito ao capital disponível em máquinas e equipamentos (Tab. 08). Observa-se no caso de Salvador das Missões e Três Palmeiras, que o autoconsumo aumenta à medida que se intensifica este tipo de capital. Por exemplo, estabelecimentos em Salvador das Missões com capital até R\$ 5.000,00 apresentam autoabastecimento alimentar no valor de R\$ 3.048,37. Já aquelas com capital acima de R\$ 25.000,00, o autoconsumo equivale a R\$ 6.570,66. Em se tratando de Veranópolis e Morro Redondo, esta relação não é tão nítida.

Em seu estudo sobre os agricultores de Candido Godoi (RS), Lovisolo (1989) observou que a mecanização potencializou a força de trabalho da família. Geralmente os agricultores que possuíam maquinarias apresentavam capacidade de trabalho superior a sua utilização, o que permitia intensificar a produção para autoconsumo. Esta observação de Lovisolo condiz com os dados de Salvador das Missões e Três Palmeiras, todavia, como explicar que o mesmo não ocorre em Veranópolis e Morro Redondo? Acredita-se que a resposta situa-se nos cultivos

agrícolas existentes em cada universo social. Em Salvador das Missões e Três Palmeiras, o principal cultivo é a soja e a mecanização desta atinge todas as etapas do processo produtivo, desde o plantio à colheita, potencializando a capacidade de trabalho da família. Em Veranópolis e Morro Redondo os principais cultivos são respectivamente uva e pêsego e nestes, embora a mecanização, etapas importantes da produção (poda e colheita) continuam manuais, não causando tanto efeito sobre a força de trabalho. Segundo informante, “O pessoal que tem um pouco mais de condição, normalmente a lavoura e as criações são mais tecnificadas, tem a horta e o pomar mais cuidados, tem mais tempo pra cuidar destas atividades. (I 26, TP).

Tabela 08: Produto Bruto Autoconsumo Total Anual em reais (R\$) segundo estratos de capital disponível em máquinas e equipamentos nos municípios pesquisados.

Município	Estratos de capital disponível em máquinas e equipamentos (R\$)			
	menor que 5.000	5.000,01 - 15.000	15.000,01 - 25.000	maior que 25.000
Veranópolis	2.844,76	4.879,35	4.708,03	4.902,36
Morro Redondo	1.825,83	2.406,35	2.580,35	1.995,74
Salvador das Missões	3.048,37	4.219,32	6.125,04	6.570,66
Três Palmeiras	2.790,85	2.935,75	3.347,96	3.851,85
Total	2.684,79	3.564,60	4.031,29	4.326,59

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPeI/CNPq (2003).

Ainda em relação à Tab. 08, em todos os universos sociais, o menor valor médio da produção para autoconsumo encontra-se no primeiro estrato de capital disponível em máquinas e equipamentos (menor que R\$ 5.000,00). Isto significa que, conforme Garcia Jr. (1989, p. 240), “[...] diante de um estoque de terras cada vez mais reduzido e em contínua valorização, simultaneamente as dificuldades de financiarem o acesso a equipamentos mais modernos, [os agricultores] fazem então uso, em larga escala, da intensificação do próprio trabalho e dos membros de suas unidades domésticas.” Esta maximização do “fator trabalho” tende a ser concentrada em atividades agrícolas de cunho mormente comercial (não tanto de autoconsumo), que lhes proporcione recursos suficientes para atender todas as necessidades, inclusive as alimentares. Esta racionalidade, como já afirmava Garcia Jr. (1989, p. 122), nada tem de idêntico ao cálculo ou comportamento de uma empresa capitalista, “[...] mas de pessoas a reproduzir mediante o produto da mobilização do esforço produtivo deste mesmo conjunto de pessoas.”

A Tab. 09 apresenta a relação entre autoconsumo e acesso a crédito. Observa-se que o autoconsumo é superior nas famílias que acessaram crédito no ano agrícola da pesquisa. Observou-se que estas famílias eram as mesmas que apresentavam maior capital disponível em máquinas e equipamentos, podendo a

confluência entre autoconsumo e crédito ser fruto da força de trabalho ociosa na família ou da intensificação do trabalho em culturas mais rentáveis.

Tabela 09: Produto Bruto Autoconsumo Total Anual em reais (R\$) de acordo com o acesso ao crédito em geral nos municípios pesquisados.

Município	Acesso ao crédito	
	Sim	não
Veranópolis	4.845,11	4.033,29
Morro Redondo	2.215,65	1.933,57
Salvador das Missões	4.580,31	3.595,89
Três Palmeiras	3.098,00	2.848,21
Total	3.404,51	3.420,61

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPeI/CNPq (2003).

Mais que indicar como o capital disponível (em máquinas e equipamentos) e o acesso ao crédito interferem na produção para autoconsumo, as Tab. 08 e 09 indicam que, embora a adoção de técnicas modernas de produção e a inserção aos mercados (sobretudo mercado de *inputs*), a produção para autoconsumo é uma estratégia recorrente na agricultura familiar. Como afirmam Gazolla (2004) e Ploeg (1990), maior mercantilização da agricultura não é sinônimo de redução do autoconsumo e, similarmente, diminuição deste não significa maior mercantilização daquela.

No que concerne ao autoconsumo e assistência técnica (Tab. 10), observa-se que as famílias que receberam alguma forma de assistência técnica (EMATER, cooperativa, empresa integradora, ONG's etc.) apresentam valores médios de autoconsumo superiores as desassistidas. Em todos os municípios, quando indagados sobre quem incentivava a produção para o consumo familiar, amiúde a EMATER foi citada. Além das reuniões com as famílias, onde se incentiva a manutenção do autoconsumo, o trabalho da EMATER materializa-se na aquisição de equipamentos, resgate de práticas tradicionais, distribuição de animais (frangos, alevinos etc.) e em cursos técnico-produtivos e de práticas alimentares (receitas, multi-misturas etc.).⁸

⁸ Todavia, esta relação positiva entre produção para autoconsumo e extensão rural nem sempre foi assim. No ímpeto da modernização tecnológica, muitos extensionistas rurais estimularam as famílias a diminuírem esta produção e intensificar a produção de *commodities*. Atualmente, a questão da segurança alimentar tem sido o principal argumento utilizado pelos técnicos e assistentes sociais para as famílias incrementarem o autoconsumo.

Tabela 10: Produto Bruto Autoconsumo Total Anual em reais (R\$) de acordo com o acesso a assistência técnica nos municípios pesquisados.

Município	Acesso à assistência técnica	
	sim	não
Veranópolis	4.582,14	3.774,85
Morro Redondo	2.357,92	1.715,52
Salvador das Missões	4.431,78	2.924,54
Três Palmeiras	3.354,06	2.609,67
Total	3.711,31	2.730,68

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPel/CNPq (2003).

Em relação aos cultivos agrícolas ou produção agropecuária, alguns depoentes argüidos sobre o tema citaram a persicultura, a viticultura e a produção leiteira. Na opinião destes, as famílias que tem alguma destas produções produzem menos para o autoconsumo por que estas são atividades intensas em trabalho e assim “[...] não sobra muito tempo. Aqui tem as vacas de leite, não sobra tempo pra nada.” (I 19, TP). Quem produz mais “pro gasto”, “tem menos parreira, daí eles plantam mais estas coisas, milho, estas coisas. Tem mais tempo de ir atrás” (I 27, V). “[...] eles tem mais gente pra trabalhar. De repente eles não têm chácara de pêssego” (I 39, MR). Na realidade, “[...] pra não ter o que atrapalha, precisa ter quem ajude fazer os serviços.” (I 20, TP). Ou seja, ao manterem estas atividades intensivas em trabalho, dependendo do número de membros da família, a produção para autoconsumo pode ser comprometida.

A cultura da soja, de certo modo, também interfere no autoconsumo. Neste caso, o fator relevante não é “intensidade de trabalho” dado que o ciclo da planta é de poucos meses e todas as etapas de produção são mecanizadas. Esta interferência decorre do fato de que as famílias têm dado preferência às culturas com maiores retornos econômicos, como ocorre também com a viticultura e a persicultura. “[...] então ao invés de ter meio hectare de parreira, eu tenho dois e deixo de cuidar das miudezas.” (I 36, V). É em função desta reorganização da unidade produtiva, e não propriamente pelas características da cultura, que a soja acaba interferindo.

A criação de frangos de corte no sistema de integração também pode influenciar no autoconsumo. As famílias neste sistema recebem orientação das empresas para eliminar a criação de outras aves (galinha caipira, ganso, etc.) ou mantê-las em local fechado e distante do aviário como medida de controle sanitário. Esta restrição tem causado diminuição do consumo de alimentos provenientes das criações, particularmente, galinha caipira.

Embora as considerações feitas, é errôneo afirmar que as unidades familiares que produzem soja, pêssego, uva, que têm vacas de leite ou aviário, têm menor produção para o consumo familiar. Evidenciou-se apenas que estes são

elementos, como também são a área, o capital disponível em máquinas e equipamentos, o acesso ao crédito e à assistência técnica, que podem, em conjunto com outros mais, influenciar nesta produção.

4.3. Dinheiro e comida: as diferentes fontes de renda

Esta seção investiga a relação entre diferentes estratégias de renda utilizadas pelas famílias e o autoconsumo. Para critério de análise, são ponderadas as fontes de rendas observadas na pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPEL/CNPq (2003) e que formaram a renda total: benefícios da previdência social, renda de atividades não-agrícolas e renda agrícola. Valores médios destas são observados na Tab. 11. Percebe-se nesta que os valores médios superiores para todas as rendas encontram-se em Veranópolis: respectivamente R\$ 5.368,60; R\$ 5.617,07; R\$ 14.853,28; e R\$ 26.969,50 para renda total. Os valores mais baixos se situam em Três Palmeiras: R\$ 1.671,89 oriundo da previdência social, R\$ 722,20 de atividades não-agrícolas e R\$ 11.033, 12 de renda total. Quanto à renda agrícola, o valor mais baixo é encontrado em Morro Redondo, R\$ 6.610,55.

No que concerne à relação entre autoconsumo e renda da previdência social (Tab. 12), observa-se que em Veranópolis e Salvador das Missões o autoconsumo é superior nos estabelecimentos que recebem benefícios da previdência social (respectivamente, R\$ 4.509,82 e 4.737,09), *vis-à-vis* os que não auferiram (R\$ 3.596,06 e R\$ 3.384,09, respectivamente). Já em Morro Redondo e Três Palmeiras o cenário é oposto, o autoconsumo é maior naquelas famílias que não receberam benefícios da previdência social (respectivamente, R\$ 2.399,89 e R\$ 3.155,31), e inferior naqueles que se apoderaram (respectivamente, R\$ 2.038,73 e R\$ 2.850,20).

Tabela 11: Valores médios anuais em reais (R\$) da previdência social, renda de atividades não-agrícolas, renda agrícola e total nos universos pesquisados.

Rendas	Veranópolis	Morro Redondo	Salvador das Missões	Três Palmeiras
Previdência Social	5.368.60	3.343.40	2.957.91	1.671.89
Atividades não-agrícolas	5.617.07	2.339.16	2.957.91	722.20
Agrícola	14.853.28	6.610.55	12.047.52	8.081.40
Total	26.969.50	12.914.83	18.911.28	11.033.12

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPEL/CNPq (2003).

Tabela 12: Produto Bruto de Autoconsumo Total Anual em reais (R\$) segundo a presença no estabelecimento de aposentados ou pensionistas nos municípios.

Município	Presença de aposentados	
	Sim	não
Veranópolis	4.509,82	3.596,06
Morro Redondo	2.038,73	2.399,89
Salvador das Missões	4.737,09	3.384,09
Três Palmeiras	2.850,20	3.155,31
Total	3.600,20	3.098,63

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPEL/CNPq (2003).

No caso de Veranópolis e Salvador das Missões, supõe-se que a previdência social e a presença destas “forças marginais” acabam intensificando o autoconsumo em virtude deste ter a conotação de uma atividade de lazer para as pessoas mais idosas, um “passo-tempo”, “que se a gente parar é capaz de adoecer” (I 36, MR). Em Três Palmeiras e, em especial, Morro Redondo, a renda da previdência social oferece certa estabilidade, o que pelo contexto social quiçá antes não fosse atingido, e estas “forças marginais” “se dão ao direito de descansar”, diminuindo a intensidade da atividade agrícola e da produção para autoconsumo. A penosidade do trabalho, como notava Chayanov (1974), torna-se um elemento relevante, “[...] porque, ganhar um salário de trezentos, quatrocentos reais por mês, quando tem um casal, setecentos reais por mês, eles não tem necessidade de ficar cultivando tomate, repolho. Tem dinheiro, vai no mercado e compra.” (I 36, V). Destarte, não é possível apontar uma conclusão sobre a confluência entre autoconsumo e previdência social. Em algumas famílias esta produção é mantida e incrementada, enquanto em outros é reduzida dependendo das condições da família e do ambiente socioeconômico.

Outra fonte de renda analisada é a de atividades não-agrícolas (Tab. 13). Os estabelecimentos exclusivamente agrícolas apresentam valores de autoconsumo um pouco superiores aos pluriativos. Cita-se o caso de Morro Redondo, onde esta diferença, mesmo pequena, é mais expressiva. Aqui, as famílias exclusivamente agrícolas apresentam produto bruto de autoconsumo total no valor de R\$ 2.248,48, enquanto as pluriativas, R\$ 2.040,01. A exceção a esta regra ocorre em Salvador das Missões, onde as pluriativas apresentam autoconsumo de R\$ 4.700,54 e os exclusivamente agrícolas, R\$ 3.808,73.

Tabela 13: Produto Bruto de Autoconsumo Total Anual em reais (R\$) segundo indicador de pluriatividade nos municípios pesquisados.

	Indicador de pluriatividade	
	Pluriativo	Exclusivamente Agrícola
Veranópolis	4.278,80	4.351,77
Morro Redondo	2.040,01	2.248,48
Salvador das Missões	4.700,54	3.808,73
Três Palmeiras	2.912,56	3.071,95
Total	3.611,68	3.251,73

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPeL/CNPq (2003).

A partir destes dados, poder-se-ia supor que, ao combinar atividades agrícolas com não-agrícolas, as famílias utilizam intensamente a força de trabalho atenuando o tempo dedicado à produção “pro gasto” e/ou que o recebimento de mais uma renda contribui para a aquisição de alimentos comprados. Quanto à primeira, a mesma não foi comprovada. Geralmente as famílias pluriativas são mais numerosas que as exclusivamente agrícolas (SCHNEIDER *et al.*, 2006) e, assim, o deslocamento de um membro para atividades não-agrícolas não afeta o trabalho na unidade de produção e nem o autoconsumo. Ademais, muitas atividades não-agrícolas ocupam tempo parcial ou são atividades sazonais (caso mais recorrente em Morro Redondo), e existe a estratégia de produzir para autoconsumo “[...] depois do horário de expediente e em sábado, a gente faz isto nas horas vagas.” (I 05, SM).

Quanto à segunda hipótese, semelhante à renda da previdência social, a renda de atividades não-agrícolas confere maior estabilidade financeira à família e pode favorecer o aumento do consumo de alimentos comprados, diminuindo o autoconsumo. Todavia, em alguns casos, “[...] esta outra renda pode ser um apoio financeiro para organizar melhor a horta, o pomar, porque tem mais recursos pra fazer isto.” (I 16, SM). Destarte, a relação entre pluriatividade e autoconsumo depende das características da atividade não-agrícola (tempo integral, parcial, sazonal), de quem e quantos a executam, da composição da família e ainda “[...] da conscientização, da visão de cada pessoa que trabalha numa outra atividade.” (I 16, SM).

Também foi analisada a relação entre autoconsumo e renda agrícola e total (Tab. 14 e 15), cujos resultados são similares. Evidenciou-se que à medida que aumenta a renda agrícola e total, aumenta a produção para autoconsumo, exceto no último estrato de renda total (maior que R\$ 30.000,00) em Morro Redondo e Três Palmeiras, onde decaiu.⁹ Conforme observaram também Norder (2004), Santos

⁹ Esta diferença decorre do fato de que nestes municípios há maior diferenciação social e concentração de renda e as explorações com maior densidade econômica devem estar

e Ferrante (2003) e Guevara (2002), esta produção é superior nas famílias mais capitalizadas. Deve-se lembrar ainda o fato de Veranópolis e Salvador das Missões serem os municípios mais capitalizados em termos de renda monetária (Tab. 11) e também apresentarem os maiores valores de autoconsumo (Tab. 03).

Deste modo, não é possível afirmar que a produção para autoconsumo é uma prática restrita as propriedades descapitalizadas ou decadentes, pelo contrário, esta prática também é recorrente em agricultores familiares consolidados. É justamente nas famílias mais vulneráveis socialmente que o autoconsumo é mais arrefecido. São estes que produzem menos para o consumo da família, contudo, é nestes que esta produção é mais importante, respondendo em média a 41,37% da renda total (Tab. 15). Como observaram Sacco dos Anjos *et al.* (2004), a importância relativa do autoconsumo vai sendo diluída à medida que se eleva a renda total, mesmo que em valores absolutos tenha se elevado consideravelmente.

Tabela 14: Produto Bruto de Autoconsumo Total Anual em reais (R\$) segundo estratos de renda agrícola nos municípios pesquisados.

Município	Estrato de renda agrícola			
	menor que 5.000	5.000 - 10.000	10.000 - 15.000	maior que 15.000
Veranópolis	3.473,43	3.957,66	3.341,91	5.434,35
Morro Redondo	1.642,85	2.262,90	2.865,94	3.716,25
Salvador das Missões	2.444,86	3.960,26	6.368,45	5.885,64
Três Palmeiras	2.239,28	3.808,13	3.983,43	4.374,50
Total	2.317,48	3.428,36	4.149,14	5.244,76

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPeI/CNPq (2003)

Tabela 15: Produto Bruto de Autoconsumo Total Anual em reais (R\$) segundo estratos de renda total nos municípios pesquisados.

Município	Estratos de renda total							
	menor		10.000 -		20.000 -		maior	
	10.000	%*	20.000	%*	30.000	%*	30.000	%*
Veranópolis	3.169,20	46,77	3.469,36	21,79	3.947,61	15,32	4.384,05	09,87
Morro Redondo	1.668,38	31,28	2.405,14	17,77	3.559,03	14,80	1.471,39	03,65
Salvador das Missões	2.651,23	45,34	3.727,29	26,75	5.827,72	22,89	7.060,29	10,66
Três Palmeiras	2.651,55	44,65	3.688,42	26,58	6.490,98	23,63	2.963,51	05,17
Total	2.405,31	41,37	3.261,17	22,78	4.809,89	18,98	5.103,83	10,57

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFRGS/UFPeI/CNPq (2003)

*Percentual do produto bruto de autoconsumo total na renda total média segundo os estratos de renda.

localizadas neste estrato de renda. A maior intensidade econômica pode estar relacionada à tendência de compra de alimentos ao invés de produzi-los.

O que explica o fato do autoconsumo ser inferior em valores absolutos nas famílias onde ele é mais importante? Acredita-se que a resposta está na potencialização do “fator trabalho” como apontado na Tab. 08. Ao dispor de menor capital disponível em máquinas e equipamentos e menor renda monetária, as famílias tendem a concentrar os esforços em culturas agrícolas ou atividades que forneçam maior retorno econômico no tempo e por mão-de-obra empregada, fazendo frente às necessidades que emanam. É uma estratégia para potencializar os recursos disponíveis e não aversão ao trabalho ou propensão ao consumo de alimentos industrializados.

4.4. O repertório cultural: “herança que vem de casa”

O repertório cultural é outro fator que interfere no autoconsumo. Repertório cultural pode ser definido, segundo Ploeg (2003), como um conjunto de noções estratégicas que guiam as ações práticas e o comportamento dos agricultores. Trata-se de um modelo de tomada de decisão que é repetidamente compartilhado, discutido e transformado. Assim, o repertório cultural dos agricultores familiares de hoje não é o mesmo daquelas famílias pouco inseridas nos mercados, sobretudo antes da modernização tecnológica da agricultura. Contudo, elementos deste permanecem, como é o caso da produção de alimentos para o consumo familiar.

A produção para autoconsumo é tida como uma “herança que vem de casa” (I 25, TP) e do grupo social pertencente. O fato de acompanhar a rotina de trabalho dos pais e ajudar nas atividades, possibilitou aos filhos(as) o conhecimento para, em anos seguintes, quando constituída uma nova família, satisfazer parte das necessidades alimentares por meio do próprio trabalho sobre a terra. A experiência acumulada com os pais e o fato de sempre ter trabalhado na agricultura são elementos usualmente citados como responsáveis pelo conhecimento e manutenção do autoconsumo, “a gente foi criada nisto, tem que continuar” (I 36, MR).

A importância do repertório cultural é melhor apreendida no depoimento que expressa os limites de alguém que não possui esta bagagem, confirmando que este pode ser um dos fatores explicativos da diferença de importância do autoconsumo entre as famílias: “[...] eu e a sogra cuidamos da casa, horta, miudezas. Mais é com ela [sogra]. Eu ajudo, não tenho experiência, não sei muito cuidar destas coisas. Eu nunca trabalhei na lavoura. Faz seis anos que eu moro aqui. Sempre morei na cidade, daí nem sei como se lida, mas com o tempo já estou...” (I 21, TP).

Referente ainda à interface entre repertório cultural e autoconsumo, buscou-se investigar como esta se expressa nos diferentes grupos étnicos dos municípios. É importante considerar de imediato, como afirmava Candido (2001, p. 32), que “[...] há para cada cultura, em cada momento, certos mínimos abaixo dos quais não se pode falar em equilíbrio. Mínimos vitais de alimentação e abrigo, mínimos sociais de organização para obtê-los e garantir a regularidade das relações humanas.” Assim, as quantidades produzidas para autoconsumo podem ser adequadas para um grupo, enquanto para outro, insuficientes.

Em Salvador das Missões encontram-se agricultores de origem alemã e caboclos. Para os alemães, conquanto o processo de mercantilização da agricultura e as mudanças decorrentes deste, o autoconsumo é interpretado como parte da identidade do colono produzindo-se alimentos na horta, pomar, lavoura, criação animal e transformação caseira. Os caboclos também produzem para o consumo familiar, porém, conforme depoimentos, “[...] o hábito dele é mais plantar cana; mandioca eles não deixam de plantar; batata-doce eles sempre tem; todos têm um pouco de galinha, um terneiro e um porco. Pro consumo da família eles sempre têm alguma coisa, mas tem menos na horta, pomar.” (I 16, SM). Além de uma questão cultural, há que desconsiderar, no caso dos caboclos, que fatores estruturais (área, capital disponível, etc.) corroboram para estes resultados, visto que geralmente estes são mais descapitalizados.

Em Veranópolis há agricultores de origem italiana e as “miudezas” estão muito presentes nos seus modos de vida. O colono italiano “[...] tem que ter horta. A mulher sem horta na colônia, ela fica estressada. É um prazer, porque, além das hortaliças, elas têm junto plantas medicinais, tempero, chazinho.” (I 36, V). Também há no município algumas famílias de origem polonesa que apresentam muitas semelhanças em relação ao italiano.

Em Morro Redondo e Três Palmeiras há várias etnias - italiano, alemão, caboclo e português - e o autoconsumo não se diferencia entre elas. Em Morro Redondo a desmotivação em continuar a produzir os próprios alimentos atinge a maioria das famílias, independente das etnias, que dão preferência pela compra. Este município talvez seja o exemplo mais simbólico de perda deste repertório cultural relacionado ao autoconsumo, embora seja aquele com mais tradição na produção de frutas de clima temperado, hortifrutigranjeiros e na agroindustrialização (Sacco dos Anjos *et al.*, 2004). Em Três Palmeiras, similarmente, a diferença de valor do autoconsumo não observa distinções étnicas. A diferença se deve, sobretudo ao grau de capitalização das unidades familiares e “[...] isto pega todas as raças, meio homogênea. Os menos capitalizados se fragilizam” (I 26, TP), ou, de outro modo, perdem o repertório cultural.

Deste modo, não há como afirmar que alguma etnia valorize mais ou menos o autoconsumo. Se italianos e alemães se destacam em algum município por demonstrarem maior importância a esta produção, o mesmo não acontece em Morro Redondo e Três Palmeiras, onde não se diferenciam dos demais. Sendo assim, o repertório cultural em alguns casos pode influenciar de modo incisivo, caso dos italianos em Veranópolis e dos alemães em Salvador das Missões, ou ser apenas mais um elemento a somar, ou mesmo nem influenciar.

4.5. As dinâmicas da agricultura familiar

Algumas características da dinâmica de desenvolvimento de cada região estudada, particularmente da agricultura familiar, possuem interfaces com a produção para autoconsumo. Salvador das Missões e Três Palmeiras são marcados pelos processos de modernização e mercantilização da agricultura, e através destes as unidades familiares foram priorizando os cultivos comerciais, especialmente soja, “[...] porque a soja dá pra vender, daí vão deixando só os cantinhos pra plantar as miudezas.” (I 19, TP). “Quando entrou o maquinário e adubo, então foi mais finalidade plantar soja e não se diversificava tanto. Só tinha quase monocultura, trigo e soja, um pouco de milho. Até quase na horta plantavam estas coisas.” (I 10, SM).

Em Salvador das Missões, há algum tempo, as famílias começaram a buscar alternativas e diversificar a produção. Mais recentemente, a diversificação tem se fortalecido com o plantio comercial de mandioca, amendoim, cana-de-açúcar, produção leiteira etc. Em Três Palmeiras, a diversificação vem sendo buscada principalmente nos últimos três anos e a fruticultura, sobretudo as videiras, tem sido a principal opção. Em ambos os municípios, acompanhando a diversificação hodierna, a produção para autoconsumo tem se fortalecido e desponta como uma reação diante das sucessivas frustrações de safra com estiagens e crises no preço da soja.

Contudo, a lógica da modernização e da mercantilização da agricultura continuam muito presentes. “A maioria hoje pensa em plantar soja e coisa que dá dinheiro e deixam de produzir pro consumo, pra ocupar o pedaço que dá pra plantar com soja e coisa pra vender.” (I 07, SM). Mas se o processo de modernização continua intervindo, como explicar as diferenças de valor da produção para autoconsumo entre Salvador das Missões e Três Palmeiras?

Em Salvador das Missões, como exposto, a diversificação vem sendo buscada há mais anos e não só recentemente como em Três Palmeiras. Ademais, se destacam no primeiro caso: o apoio do órgão de extensão rural local na produção para autoconsumo, relatado por todas as famílias entrevistadas; a própria

valorização por estas em virtude da segurança alimentar e; o repertório cultural. Há que considerar ainda, no caso de Três Palmeiras, a existência de concentração de renda e pobreza e as rendas total e agrícola que são inferiores *vis-à-vis* Salvador das Missões, indicando famílias mais descapitalizadas. Aqueles por uma estratégia de potencializar o “fator trabalho” ou de insuficiência de recursos produzem menos “pro gasto”.

Em Veranópolis, o processo de modernização da agricultura foi mais tênue e a diversificação sempre foi buscada. “Aqui poucos agricultores conseguem trabalhar só com uma atividade, por exemplo, só com frutas, e as frutas são, uva, maçã, pêssego, ameixa. Muitos têm junto aviário, leite e milho pra subsistência.” (I 36, V). A produção para autoconsumo também sempre fez e faz parte deste cenário, embora se reconheça que hoje não é tão expressiva como anteriormente, quando todas as famílias produziam praticamente tudo que consumiam.¹⁰

Além da diversificação e das “miudezas” fazerem parte do repertório cultural das famílias, a produção agrícola apresenta a marca da alternatividade que fortalece o autoconsumo, ou seja, os produtos comercializados podem ser tanto consumidos como vendidos pela família, dependendo das suas condições e necessidades (Garcia Jr., 1983, 1989; Herédia, 1979). Quando parte da produção agrícola não é comercializada, esta pode ser consumida pela família ou no estabelecimento e, também, quando sobra produção para autoconsumo, esta pode ser vendida, o que é facilitada pela proximidade aos centros urbanos (Bento Gonçalves, Caxias do Sul etc.) e a tradição da atividade de fruteiros aí encontrada. Este não é caso da soja, principal cultivo em Salvador das Missões e Três Palmeiras, e do fumo, presente em Morro Redondo. Soja e fumo são duas culturas que “não tem nada que come, se não vende, aquilo é perdido” (I 43, MR).

Também contribui para o maior valor médio de autoconsumo, o fato de Veranópolis se situar numa região turística que, além das paisagens e atributos naturais, valoriza a vida colonial como trunfo turístico e nesta também a produção para autoconsumo. Produtos ecológicos, alimentos e instrumentos próprios do modo de vida colonial são artifícios para o turismo rural.

Em Morro Redondo, similarmente a Veranópolis, as características atuais da produção para autoconsumo se relacionam de forma amena com a modernização da agricultura. Aqui, as peculiaridades se devem, sobretudo, a crise de

¹⁰ Segundo o depoimento, “Já produziram mais, mas têm a tradição de produzir os ovos, o aipim, as hortaliças todas. Raramente as pessoas compram hortaliças. É tradição o pessoal matar um boi, ovelha, porco. Dificilmente o pessoal compra carne de porco, e assim, como regra, normalmente as famílias no meio rural matam suínos de 200 quilos a cada três meses. Daí tem a banha, comem muito salame, muitas fazem queijo, mas não é como antigamente. Antigamente tinha bem mais famílias fazendo queijo, mas eu diria, 40% fazem queijo...” (I36, V).

perspectivas que assola as unidades familiares desde o início dos anos 1990 com a abertura do mercado brasileiro à importação de produtos do Chile, Grécia e Taiwan, competidores com a produção local. Dificuldades de comercialização, pela concorrência e a baixa qualidade dos produtos, têm desestimulado as famílias a continuarem produzindo produtos tradicionais como a cenoura, batata, tomate, cebola etc., restando-lhes poucas alternativas e este desânimo têm atingido também a esfera do autoconsumo. Soma-se a isto, a facilidade de compra destes alimentos via feiristas e fruteiros (que entregam na porta da casa), o preço de alguns destes produtos “[...] que não compensa plantar. Tu investe naquilo e tira do bolso.” (I 39, MR), e a renda da previdência social, que neste contexto proporciona estabilidade e segurança para as famílias, favorecendo o consumo de produtos comprados. Também, análogo a Três Palmeiras, aqui a pobreza é acentuada e as rendas agrícola e total médias são mais inferiores, podendo contribuir para o baixo valor da produção “pro gasto”.

Como visto, as diferentes dinâmicas de desenvolvimento da agricultura familiar relacionam-se distintamente com a produção para autoconsumo. Cada universo social possui uma especificidade ou um conjunto de elementos peculiares conformando uma dinâmica que o distinguirá dos demais e influenciará de modo particular nesta produção.

4.6. A proximidade aos mercados, o preço dos alimentos e os alimentos “prontos”

A proximidade e o preço dos alimentos nos mercados e os alimentos “prontos” também são elementos que intervêm no autoconsumo. Quanto ao primeiro, poder-se-ia supor que as famílias situadas mais próximas dos mercados ou dos centros urbanos estariam mais propensas a diminuir a produção “pro gasto” e aumentar o consumo de alimentos comprados. Todavia, a distância não é mais limitante para aproximar unidades familiares e mercados. “Uma vez as pessoas vinham pra cidade no máximo uma vez por semana, isto até os anos oitenta, depois duas vezes por semana, depois eles vêm todos os dias. Então se tornou prático.” (I 36, V). Além disso, “[...] hoje não tem dificuldade pra sair lá da comunidade mais distante de Três Palmeiras e vir pra cá [cidade]. Tem transporte escolar, linha de ônibus, o próprio veículo...” (I 26, TP).

Ademais, é comum no meio rural dos quatro municípios estudados a presença semanal, e às vezes até mais freqüente, de fruteiros e padeiros (estes menos assíduos), comercializando seus produtos “[...] na porta da casa. Só saio dali da casa e vou ali pegar prontinho.” (I 44, MR). Através destes são adquiridos alimentos não disponíveis na região, alimentos foranêos e também alimentos que

poderiam ser produzidos pelas famílias, mas que, por conta da facilidade dos mercados e de outros fatores particulares a família, são adquiridos por estes meios.

O preço dos alimentos no mercado é outro fator que influencia no autoconsumo, especialmente no caso de Morro Redondo. De acordo com Garcia Jr. (1989, p. 122), “Todas as decisões sobre produtos a cultivar e/ou a beneficiar, e o destino (venda e/ou consumo) levam em consideração os preços monetários e suas flutuações.” Isto acontece não como uma estratégia de acumulação, mas reflete a força de trabalho disponível, o possível resultado da mobilização desta, o número de pessoas a se reproduzir com este produto, os custos de produção e o risco de perda desta por estiagens e outras intempéries. Segundo um agricultor de Morro Redondo,

[...] é mais vantagem comprar. O que tem nos mercados está mais barato que a nossa produção. É mais fácil comprar que produzir. Batata eu compro, feijão eu compro, milho, porco, verdura, tudo se compra. Sai mais barato. Dois anos atrás eu plantei milho, o saco de milho que eu colhi custou trinta e três reais e no mercado estava vinte reais. Eu vou plantar ainda? Tira do meu salário pra botar na terra? Pra eu e ela me judiar? A mulher vai plantar na horta e as formigas comem tudo. (I 39, MR).

Nos demais municípios, ainda que algumas unidades familiares reconheçam que o preço de compra de determinados alimentos seja compensador, preferem produzir a maioria dos alimentos por uma questão cultural, identitária e, notadamente, pela segurança alimentar. O conhecimento do modo como o alimento foi produzido e de suas qualidades, especialmente sanitárias, são fatores que compensam o plantio/criação, mesmo que com custo mais elevado.

Olha, estes dias a gente estava fazendo [um cálculo] dos frangos que a gente cria, dos brancos. Daí a gente viu que se fosse ver mesmo, acho que vale mais a pena ir comprar, porque gasta bastante entre ração e mão de obra pra cuidar.... Acho que se torna mais barato ir comprar, fosse botar tudo na pontinha da caneta. [Pesquisador: Vão deixar de produzir?] Acho que não porque a carne é mais gostosa e se sabe do jeito que está criando. É bem mais gostosa a carne que a comprada, a carne é mais firme (I 21, TP).

A facilidade dos alimentos “prontos” também afeta a produção para autoconsumo. Contudo, este é um tema que afeta a identidade das unidades familiares enquanto agricultores, sendo “vergonhoso” quem se deixa influenciar.

Assim, dificilmente as famílias reconheceram a troca por ou o consumo destes alimentos no seu estabelecimento em detrimentos da produção para autoconsumo, todavia facilmente reconheceram no vizinho. “Aqui na nossa casa não, mas tem casa que sim. Eu, pão nunca comprei, sempre faço, bolacha também, schimia... Mas tem bastante gente que compra.” (I 20, TP). “Na minha família nem um pouquinho. Eu faço questão, o que eu puder produzir pra minha família, eu vou produzir, mas no geral atrapalha. O pessoal deixa de plantar porque tem tudo pronto pra comprar.” (I 05, SM). A exceção a este comportamento ocorre em Morro Redondo, onde as famílias comumente reconhecem a interferência deste fator dentro da própria unidade familiar: “Sempre se compra as bolachinhas, tem os pacotes no freezer, e até pão. Hoje eu digo - não vou fazer pão, se vai ali e se busca pão. Antes não tinha padaria, dificilmente no super [mercado] tinha pão. Mas agora tem tudo. Vai ali e busca. Tudo facilita.” (I 38, MR). “[...] manteiga eu sei fazer, mas se precisar, eu compro, é mais fácil. Acho que hoje o pessoal vai pelo mais fácil, e não pelo que dá trabalho.” (I 44, MR).

Assim, mesmo que não possa ser generalizado para todas as famílias, a facilidade dos mercados e dos alimentos “prontos” e o preço dos alimentos, aliada a outros fatores como falta de mão de obra, atividades econômicas mais intensas etc., acabam interferindo na decisão das famílias de produzir para o autoconsumo. “O mercado te acomoda, te dá mais incentivo pra ir lá pegar, por exemplo, desde o pão.” (I 17, SM).

5. Considerações finais

Procurou-se apontar neste artigo os fatores que podem explicar as diferenças de importância econômica da produção para autoconsumo entre unidades familiares e entre distintas dinâmicas da agricultura familiar. Os resultados indicam que esta prática está imbricada em um conjunto de elementos e a inter-relação destes, ora alguns interferindo de modo mais intenso, ora outros, perpassa a tomada de decisão dos agricultores entre produzir, o que produzir, quanto produzir ou comprar os alimentos. Há questões de ordem objetivas, como a quantidade de trabalho na família, o preço dos alimentos nos mercados, a necessidade de potencializar a força de trabalho em atividades com maiores retornos econômico, e questões subjetivas, como o repertório cultural, que determinam a prática de produzir a própria alimentação. Como mencionado antes, esta decisão vai além de uma simples aversão ao mercado ou ao trabalho.

Cabe destacar que algumas das variáveis aqui balizadas merecem e demandam ser melhor investigadas. A opção realizada neste trabalho de abordar os fatores em seu conjunto traz como custo o fato de não poder analisar cada

elemento de modo mais pormenorizado, o que demandaria estudos específicos. Embora esta limitação, resultados importantes foram apontados neste e em estudos de outros pesquisadores. Com isto, almeja-se contribuir para uma melhor compreensão das circunstâncias em que a estratégia de produzir própria alimentação da família é forjada e alterada e que possa colaborar em projetos e programas que visem fortalecê-la.

É relevante considerar que mesmo naquelas unidades familiares ou dinâmicas da agricultura familiar em que a produção para autoconsumo tem a menor importância econômica, como é o caso sobretudo de Morro Redondo e Três Palmeiras, esta prática é de suma relevância para a reprodução social das famílias rurais, contribuindo para a segurança alimentar, a condição socioeconômica e dimensões simbólicas como a sociabilidade e a identidade social. Conhecer os fatores que determinam que nestes contextos o autoconsumo tenha importância econômica inferior *vis-à-vis* os outros municípios estudados possibilita instrumentalizar, potencializar e adequar ações que possam incrementá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C.R. Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

BUAINAIN, A.M. *et al.* Agricultura Familiar e o Novo Rural. In: XL CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA E ECONOMIA RURAL. Passo Fundo: Sober, 2002.

CANDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 9 ed., São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2001.

CHAYANOV, A. La organización de la unidad económica campesina. Buenos Aires: Editora Nueva Vision, 1974.

DOMBEK, L.A. *et al.* Segurança alimentar e autoconsumo em assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema - Brasil. In: VII CONGRESSO LATINO AMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL. Quito: ALASRU, 2006.

GARCIA Jr, A. O sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo/Brasília: Marco Zero/Ed. UnB/MCT-CNPQ, 1989.

_____. Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GAZOLLA, M. Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS. Dissertação de Mestrado, PGDR/UFRGS, 2004.

GRISA, C. A produção "pro gasto": um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado, PGDR/UFRGS, 2007.

GUEVARA, L.E.T. “Autoconsumo y reciprocidad entre los campesinos andinos: caso Fόμεque”. Cuadernos de Desarrollo Rural, n. 48, p. 79-98, 2002.

HERÉDIA, B. A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEITE, S. “Autoconsumo y sustentabilidad en la agricultura familiar: una aproximación a la experiencia Brasileña”, *In*: BELIK, W. Políticas de seguridad alimentaría y nutrición en América Latina, São Paulo: Hucitec, 2004.

LOVISOLO, H.R. Terra, trabalho e capital: produção familiar e acumulação. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

MENASCHE, R. A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

NORDER, L.A.C. Políticas de assentamento e localidade: os desafios da reconstituição do trabalho rural no Brasil. Tese de Doutorado, Universidade de Wageningen, 2004.

PLOEG, J.D. van der. “Farmins styles as socio-technical networks”, *In*: _____. The virtual farmer: past, present and future of the Dutch peasantry. Assen : Van Gorcum, 2003.

_____. Labor, markets, and agricultural production. Boulder: Westview Press, 1990.

SACCO DOS ANJOS, F. *et al.* Abrindo a caixa-verde: estudo sobre a importância do autoconsumo na agricultura familiar gaúcha. In: XLII CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Cuiabá: SOBER, 2004.

SANTOS, I.P.; FERRANTE, V.L. Da terra nua ao prato cheio: produção para o consumo familiar nos assentamentos rurais do Estado de São Paulo. Araraquara: Fundação ITESP/UNIARA, 2003.

SCHNEIDER, S. *et al.* “A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul”. *In*: _____. A diversidade da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

TAVARES dos SANTOS, J.V. *Colonos de vinho*: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. 2. ed., São Paulo: Hucitec, 1984.

TEPICHT, J. Marxisme et agriculture: Le paysan polonais. Paris: Armand Colin, 1973.

WOLF, E. Sociedades camponesas. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WOORTMANN, E.F.; WOORTMANN, K. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.